

AMOR E LITURGIA: A INSERÇÃO DO CORPO NO CULTO

Por Igor Miguel¹

Continuo na jornada de leitura de James K.A. Smith, professor de filosofia do Calvin College e sua obra impressionante e fresca intitulada *Desiring the Kingdom: worship, worldview and cultural formation*² (Desejando o Reino: adoração, cosmovisão e formação cultural) apresentada a mim por Guilherme Carvalho³ e Rodolfo Amorim. Como prometi *em off* ao filósofo Jonas Madureira⁴, farei em breve uma resenha, onde pretendo levantar algumas impressões pessoais sobre a obra. Porém, apresentarei aqui alguns pontos que me parecem relevantes na referida obra.

Smith faz uma crítica criativa às atuais abordagens sobre “cosmovisão cristã” em que asseveram que não é a simples afirmação intelectual ou a apreensão cognitiva que afetará um comportamento cristão. Não basta a “internalização” de ideias certas para que comportamentos certos ocorram. Segundo Smith, isto seria resquícios de um *cartesianismo* ou um racionalismo persistente, que sustenta que o homem é fundamentalmente um “ser pensante”, o que ignora a “corporeidade” humana.

O autor de *Desiring Kingdom* levará enfim a proposta agostiniana até as últimas consequências. Ou seja, a ideia bíblica de que o homem antes de ser um “animal racional” ou mesmo um “ser de fé”, ele é fundamentalmente um “ser de desejo”, ou seja, um “ser de amor” (*cupidus*). Fundamentalmente, a ideia é que o homem, antes de “crer” ou “pensar”, é movido por uma experiência tácita de veneração amorosa. Neste caso, *eros* (*cupidus*) e *ágape* (*caritas*) não devem ser compreendidos como “sentimentos” diferentes. *Ágape* seria o ordenamento do *eros*. Apesar de Smith não mencionar, curiosamente lembrei-me de um detalhe, que talvez se encontre eco no pensamento agostiniano.

Em língua hebraica o termo *ahavá* é utilizado no Antigo Testamento para se referir ao *amor* em sentido amplo. Ele é aplicado aos diversos tipos relacionamentos que envolvem *apreço*, *desejo* e *veneração*. *Ahavá* e suas variantes podem ser encontradas no amor paterno de Abraão por Isaque (Gn 22:2); nas relações românticas como entre Jacó e Raquel (Gn 29:20); na apreciação gustativa (Gn 27:14); no amor que os fiéis deveriam ter por YHVH (Dt 6:5); o amor de YHVH pelo povo de Israel (Dt 7:8); a amizade entre Davi e Jônatas (I Sm 18:3; 20:17); o amor parental entre Rute e Noemi (Rt 4:15); nas profecias de Ezequiel, o termo aparece associado às relações idólatras dos israelitas (Ez 16:36 e seg.); nas relações desejo com a mulher adúltera (Pv 7); e enfim, nas várias aplicações eróticas em Cantares de Salomão (Ct 1:3-7; 3:1-4).

O conceito hebraico de “amor”, não é uma virtude, ou apenas um sentimento, é um princípio ativo, uma excitação visceral, um desejo fundamental de unidade, de comunhão. Amor neste sentido é algo com base “energética”, para adotar um termo da psicanálise, um pulsão dirigida ao gozo, à realização. Que pode ser mediado e traduzido em diversas dimensões afetivas como o amor fraterno, a veneração idólatra, a atração erótica, o culto a Deus, o desejo do salmista pelos átrios do Senhor e assim por diante. O amor é sempre dirigido a um ideal de “acolhimento”, de realização existencial, o que significa afinal de contas, que o amor não é religiosamente neutro, ao contrário, ele é fundamentalmente o princípio da veneração. O amor é sempre dirigido tendo em vista um fim (*gr. telos*), um propósito, que dê sentido à existência. Este fim, em última instância, é sempre um paradigma de realização humana. Por ser o amor *teleológico*, ele é inevitavelmente religioso.

A questão então seria sobre quem ou o quê este “impulso religioso” é dirigido. O idólatra é alguém que canaliza todo seu desejo a um ídolo. Por isso, faz todo sentido, que em algumas religiões

1 Texto disponível no Blog Pensar... www.teologo.org | Contato com o autor: igor@teologo.org | www.twitter.com/igorpensar

2 SMITH, James K.A. **Desiring the Kingdom: worship, worldview and cultural formation**. Grand Rapids: Baker Academic, 2009.

3 <http://guilhermedecarvalho.blogspot.com>

4 <http://jonasmadureira.blogspot.com>

animistas e idólatras, há a presença da prática sexual como elemento litúrgico-ritual, o que ocorria nas culturas mesopotâmicas e greco-romanas na imagem das prostitutas e prostitutos culturais. Nestas culturas, a *união mística* (comunhão) com as divindades era dramatizada pela união sexual explícita em rituais públicos de veneração.

O que é interessante nesta abordagem de amor é sua ruptura com modelos tomistas que persistem na separação natureza-graça. Ao admitir que a experiência amorosa tem fundamento visceral e corporal, descobrimos que, mais do que nunca, o “corpo” integra-se ao todo da espiritualidade, sendo o fundamento mais primitivo de impulso e busca por veneração e sentido espiritual.

Não é de se espantar, que o livro de Cantares de Salomão, primariamente composto como uma produção poético-erótica sobre a relação entre homem e mulher, tenha sido apropriado e aplicado, tanto pela liturgia judaica, como pela cristã, como meio estético para traduzir a unidade de adoradores (Israel ou a Igreja) a Deus. Há ecos desta conexão entre a união sexual e a misteriosa unidade da Igreja com Cristo nos termos de Paulo:

Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.⁵

Curiosamente, o próprio ato de conhecer (hb. *yadá*) tem uma conotação tácita, corporal, com sentido de “despir”, “conhecer sexualmente”, “conhecer intimamente”, etc. Na antiguidade o ato sexual era antecipado por uma “ritualização”, uma abertura litúrgica, uma gradação erótica. Da mesma forma, o encontro com Deus, na dinâmica do culto, opera-se por degraus simbólicos, passos litúrgicos, até sua consumação, um clímax religioso.

Neste ponto, parece importante a visão de Smith quando afirma que, por trás de toda “pedagogia” ou “formação cultural” há uma *antropologia filosófica*, ou seja, toda intervenção educacional, formal ou informal, parte de uma visão de homem. A pedagogia do “shopping” por exemplo, pretende formar o “homem do consumo”, e o faz a partir de uma exploração da dimensão do desejo, deste impulso para uma *união transcendental*. Atrás das vitrines há sempre uma promessa de sucesso, de plenitude e realização humana.

Enquanto o mundo do consumo tem plena consciência deste impulso humano por veneração, traduzido em termos pré-teóricos (antes de qualquer racionalização), a Igreja persiste em uma visão “racionalista” de que a simples doutrinação é o suficiente para que os homens mudem seu comportamento e vivam uma vida cristã.

A Igreja na antiguidade sabia que antes da doutrinação (catequese), que seria uma apropriação de determinadas verdades de natureza teológica, há a liturgia⁶, que é a experiência comunitária com a fé, traduzida por símbolos e dramatizações sacramentais⁷. A ceia, o batismo, a leitura pública das Escrituras, a confissão comunitária, a ação caridosa e outras expressões tangíveis de fé, tocam na dimensão do corpo e da criação, pois são acessíveis à compreensão mesmo de pessoas sem condições

5 Ef 5:28-33.

6 Liturgia, vem do grego, *liturgia*, e etimologicamente pode significar “trabalho do povo”.

7 O termo sacramento vem do latim *sacramentum*, que em escritos eclesiásticos mais antigos, aparece associado ao termo grego *mysterion* (mistério). Uma referência ao fato de que em atos sacramentais, há um mistério, em que a matéria assume conotação religiosa e espirituais, inexplicáveis em termos racionais. O exagero nesta abordagem, resultou na perspectiva católico-romana de *transubstanciação*. Por outro lado, a ceia e o batismo, reformadamente considerados como as únicas ordenanças de Cristo à Igreja, não podem ser considerados simplesmente com símbolos, como sugeriu Zwinglio, ou consubstanciado (no caso da ceia), como sugeriu Lutero.

“cognitivas” para se apropriarem de seu significado.

Ao visitarmos as raízes judaicas da fé cristã, ver-se-á o valor que há no judaísmo de inserir as crianças na experiência litúrgica, como por exemplo, através da *Ceia de Páscoa (Sêder HaPêssach)*, onde há uma dramatização-narrativa da libertação da escravidão no Egito. Os elementos presentes na mesa como *ervas amargas, pães sem fermento, pasta de nozes*, transformam-se em ferramentas psicoafetivas de revivescência com a memória da fé.

Na própria ceia, na experiência eucarística, o pão e o vinho se tornam expressões cheias de sentido, carregadas de propósito, convergindo transcendência e imanência, ante a reunião da comunidade ao redor deste ato sacramental, de uma ordenança de Cristo. Elementos litúrgicos, como pão e vinho, eram tratados na antiga cultura oriental como símbolos de “céus” e “terra”. A ideia era que quando o fiel participasse destes elementos houvesse um misterioso encontro, um *moed* (em língua hebraica: ponto de encontro), entre criatura e Criador.

Em uma primeira instância, a Bíblia não pode ser vista simplesmente como um livro que apresenta verdades “cognitivas” a respeito de Deus, ao contrário, é o registro de verdades doutrinárias que emergiram de uma experiência comunitária tácita, palpável e dinâmica. A doutrina nasce de cânticos, debates, intervenções milagrosas, mobilizações apostólicas, aventuras missionárias, reuniões de oração, perseguições, práticas litúrgicas etc. Para os crentes da antiguidade, o corpo era parte de uma experiência total e comunitária de fé, a ressurreição seria a refutação a qualquer tentativa de excluí-lo da liturgia. Por isso, o apóstolo Paulo assevera:

Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, **glorificai a Deus no vosso corpo.**⁸ (grifo nosso).

Com a afirmação do corpo como meio de “glorificação”, atos simples como comer pão, tornava-se um mistério que remetia o corpo de Cristo sacrificado, moído pelas nossas iniquidades (Is 53). As águas do batismo, oriunda das purificações rituais judaicas, assume características expressivas e comunitárias, em um ato sacramental, dramatizado em corpo. O batismo seria o sepultamento do velho homem e o ressurgimento de um novo homem redimido em Cristo.

Penso, que Smith acerta quando considera que o desejo por veneração e a união transcendente operam-se no corpo. Há relevância na observação de que a liturgia (que deve ser entendida em sentido amplo) transforma-se em um poderoso instrumento de formação (pedagógico) de ações cristãs que enriquecerão a visão de mundo do fiel, e não o contrário, como comumente se argumenta. Por isso, a liturgia deve ser reconsiderada como parte importante da dinâmica da congregação cristã. A leitura pública de confissões de fé, leitura pública das Escrituras, a retomada da ceia e do batismo como sacramentos, o exercício da gratidão durante as refeições, o exercício do silêncio, ou outras dramatizações litúrgicas, tornam-se relevantes, quando consideramos a liturgia como meio pedagógico de formação cristã. Reservando-se, obviamente, o cuidado com o ritualismo e a estetização excessiva, como alertado por Abraham Kuyper.

O ritualismo seria a redução e a ênfase do culto (serviço religioso) aos elementos litúrgicos, símbolos e ritos, o que seria transformar os “meios” em “fins”, perigo denunciado pela reforma quando se deparava com um formato popular de ritualismo no catolicismo romano. Porém, o desafio é reconsiderar a liturgia, abandonada pelo evangelicalismo-pietista, como uma ferramenta pedagógica de consciência comunitária e dramatização corpórea de verdades cristãs. Sendo assim, uma visita criteriosa aos fundamentos litúrgicos da fé cristã, tanto na reforma, como no cristianismo medieval e em suas raízes judaicas, lançariam luzes importantes para a elaboração criativa e contextualizada da liturgia.

8 I Co 6:19-20.

Por outro lado, a afirmação de que o corpo deve ser inserido na liturgia, não significa reduzir o serviço religioso a um tipo de culto “afetivo” desprovido de “racionalidade”, mas afirmar que as implicações da ressurreição devem ser consideradas seriamente. A ressurreição dignifica o homem integralmente e subverte a percepção platônica de que o corpo não passa de uma prisão do espírito. A ressurreição, como fenômeno que inaugura a nova criação em Cristo, deve ser experimentada e vivenciada na afirmação e presentificação do corpo na liturgia.

O estudioso de liturgia deveria se engajar aqui. A prática litúrgica precisa ser encarada sob uma perspectiva criativa, por isso, a importância de se considerar suas antigas fontes. Por exemplo, práticas de natureza litúrgica judaicas, que possuem profundo vínculo com a fé cristã, devem também ser consideradas, como por exemplo a *cerimônia de páscoa judaica*, que é carregada de sentido evangélico. Sobre uma visita cristã à liturgia judaica Carmine Di Sante⁹ observa:

A liturgia cristã tomou deste universo [judaico] mais elementos do que se possa imaginar, e que somente uma ignorância obstinada pode esconder. Mesmo que hoje faltem pesquisadores de peso que sublinhem e procurem os laços profundos da liturgia hebraica com a cristã continua ainda válido [...] judeus e cristãos são chamados a colaborar pela afirmação deste “amor” e desta “sabedoria” condensados nos nossos textos litúrgicos que, embora diferentes se atraem e se influenciam, como notas de um único canto: o canto do amor de Deus, fundamento e garantia do amor pelo homem.¹⁰

Algumas pessoas podem objetar nesta altura, como proposto por movimentos restauracionistas, que a melhor opção seria uma substituição da liturgia cristã, desenvolvida de forma criativa em contato com outras culturas, por um pretense purismo litúrgico judaico. Devo discordar deste ponto. Não há liturgia mais ou menos legítima, a liturgia é legitimada pela comunidade. Uma restauração da liturgia cristã, envolveria neste sentido, reconhecer as raízes judaicas já presentes em sua liturgia historicamente e comunitariamente reconhecida.

A liturgia cristã pode assumir características distintas, de acordo com a comunidade local, com a dinâmica interna da própria congregação, a tradição, as experiências históricas e principalmente, ser doutrinariamente orientada. *Não há liturgia sem ortodoxia*. Neste ponto, elementos litúrgicos doutrinariamente inconsistentes precisariam ser revistos. O que significa que a liturgia precisa ser teologicamente e criticamente fundamentada.

A prática litúrgica, reinsere o corpo, a afetividade e a experiência tácita, dentro do horizonte da fé. Enriquecendo a espiritualidade de sentido, liberando a imaginação na vida cristã.

Para encerrar esta reflexão, seria bom valer de um trecho da obra de James K.A. Smith:

Antes que os cristãos tivessem teologias sistemáticas e visões de mundo, eles cantavam hinos e salmos, recitavam orações, celebravam a eucaristia, partilhavam suas propriedades, e tornavam-se um povo marcado pelo desejo da vinda do Reino de Deus – um desejo que os constituíam como povo peculiar no presente.¹¹

Soli Deo Gloria.
Kol HaKavod LaShem.

9 Carmine Di Sante estudou teologia no Instituto Teológico Assis. Especializou-se em Ciências Litúrgicas no Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo e em Psicologia na Universidade de Roma.

10 SANTE, Carmine Di. **Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas**. São Paulo: Ed. Paulus, 2004. p.248 e 254.

11 Ibid. p.139.